

O USO DO DIALETO CAIPIRA EM SANTANA DE PARNAÍBA: UMA ANÁLISE SOCIOLINGUÍSTICA

Andressa Pereira de Melo (IC) e Ronaldo de Oliveira Batista (Orientador)

Apoio: PIBIC Mackenzie

RESUMO

A fala caipira formou-se a partir de elementos do tupi antigo (em uso na região sudeste, como podem atestar documentos já no século XVI), além das criações que emergiram no próprio meio caipira. O dialeto expandiu-se nos séculos XVII e XVIII com as expedições dos Bandeirantes e Monçoeiras que seguiam o curso do Rio Tietê fundando vilas conforme suas necessidades. Utilizando parâmetros desenvolvidos por William Labov quanto a sociolinguística, este projeto tem como objetivo investigar nas falas de um conjunto selecionado de moradores de Santana de Parnaíba, traços do uso do dialeto caipira existente na região desde sua fundação. Elaborando, assim, uma síntese interpretativa nos moldes da sociolinguística quantitativa, da análise a partir do problema de pesquisa estabelecido. Portanto, após análise dos resultados, constatou-se marcas orais presentes nos falares da região, tais como, p “R” retroflexo, síncope, aférese etc. Evidenciando que este projeto resguarda as variações linguísticas estudadas por Amadeu Amaral em 1920 para o entendimento do desenvolvimento de um dialeto. Como um projeto de Iniciação Científica, a realização da pesquisa contribui com a ampliação, em paralelo com o aporte teórico, de um conhecimento da discente-pesquisadora sobre o funcionamento da língua na sociedade e as complexidades desse uso. Conhecimento importante para problematizar em tom crítico o preconceito e a discriminação existentes em relação aos falares caipiras, eliminando conceitos sobre o que é correto ou errado nos modos de os sujeitos expressarem suas ideias e formas de convívio.

Palavras-chave: sociolinguística, Santana de Parnaíba, dialeto caipira

ABSTRACT

Hillbilly speech was formed from elements of the ancient Tupi (in use in the southeast region, as documents can already attest in the 16th century), in addition to the creations that emerged in the countryside itself. The dialect expanded in the 17th and 18th centuries with the expeditions of the Bandeirantes and Monçoeiras that followed the course of the Tietê River founding villages according to their needs. Using parameters developed by William Labov as to sociolinguistics, this project aims to investigate in the speeches of a selected group of residents of Santana de Parnaíba, traces of the use of the peasant dialect that has existed in the region since its foundation. Thus, elaborating an interpretative synthesis along the lines of quantitative sociolinguistics, of the analysis from the established research problem. Therefore, after analyzing the results, we found oral marks present in the speeches of the region, such as, p “R” retroflex, syncope, apheresis, etc. Evidencing that this project protects the linguistic variations studied by Amadeu Amaral in 1920 for the understanding of the development of a dialect. As a Scientific Initiation project, conducting the research contributes to the expansion, in parallel with the theoretical contribution, of a knowledge of the student-researcher about the functioning of the language in society and the complexities of this use. Important knowledge to critically problematize the existing prejudice and discrimination in relation to hillbilly speaking, eliminating concepts about what is right or wrong in the ways in which the subjects express their ideas and ways of living together.

Keywords: sociolinguistics, Santana de Parnaíba, peasant dialect

1. INTRODUÇÃO

Buscando aprofundar os estudos e conhecimentos adquiridos no curso de Licenciatura em Letras, especificamente na área da sociolinguística, este projeto circunscreve seu problema em um mapeamento inicial do uso do chamado dialeto caipira¹ (cf. AMARAL, 2020[1920]) na região de Santana de Parnaíba. A cidade tem 439 anos e é considerada uma cidade histórica contendo muitos registros físicos de sua evolução, o que facilita aprofundar conhecimentos sobre a cidade.

O problema da pesquisa deste projeto está pautado no fato de que hoje em dia a cidade é considerada uma cidade-dormitório que apoia seu entorno industrial/empresarial (Barueri, Pirapora do Bom Jesus, Cajamar e até mesmo Osasco e Jundiaí). Ao ser uma cidade-dormitório, a convivência de moradores com outros dialetos é mais intensa. Esse fator delimita o questionamento central a orientar este projeto de pesquisa, quando se pensa na presença ou não de evidências de uso do dialeto caipira na região. A fala caipira formou-se a partir de elementos do tupi antigo (em uso na região sudeste, como podem atestar documentos já no século XVI) e da influência de outras línguas, como as africanas e a castelhana, além das criações que emergiram no próprio meio caipira e, fundamentalmente, do português arcaico dos séculos XV e XVI. O dialeto expandiu-se nos séculos XVII e XVIII com as expedições dos Bandeirantes e Monçoeiras que seguiram o curso do Rio Tietê, fundando assim a cidade de Santana de Parnaíba (cf. ILARI; BASSO, 2006). Conforme o site da prefeitura da cidade, “a cidade Santana de Parnaíba é um município do estado de São Paulo, localizado na Região Metropolitana da capital paulista, microrregião de Osasco, localizada na Latitude – Sul 23° 26’ 39” e Longitude – Oeste 46° 55’ 04”, a uma altitude entre 696 e 1202 m”. A cidade está entre as rodovias Castelo Branco e Anhanguera e fica ao lado do Rodoanel Mário Covas. Nasceu às margens do rio Tietê, durante a administração de Mem de Sá, terceiro governador-geral do Brasil. Há registros de que o primeiro a se instalar na região foi o português Manuel Fernandes Ramos, participante de uma expedição realizada em 1561 por Mem de Sá para explorar o sertão – no sentido Rio Tietê abaixo –, em busca de ouro e metais preciosos. Estabeleceu-se no povoado, construindo uma fazenda e uma capela em louvor a Santo Antônio, mas sua estrutura precária não resistiu às constantes enchentes e acabou destruída.

¹ “Amadeu Amaral deu início aos estudos dialetológicos propriamente ditos sobre a variedade que viria a constituir-se por aqui [na região do português paulista], frequentemente denominado ‘português caipira’. [...] A segunda fase [de uma dialetologia brasileira] vai de 1920 a 1952. O período foi inaugurado pelo paulista Amadeu Amaral [...], com seu *O dialeto caipira*. Ele observou os usos do português em Capivari, Piracicaba, Tietê, Itu, Sorocaba e São Carlos, descrevendo detalhadamente a pronúncia, questões de gramática e de vocabulário da região.” (CASTILHO, 2020, p. 16-17).

Posteriormente, seus herdeiros e sua mulher, Suzana Dias, resolveram erguer, em 1580, uma nova capela, dessa vez em honra de Sant'Ana. Em 14 de novembro de 1625, o povoado que cresceu ao redor da capela foi elevado à categoria de vila com a denominação de Santana de Parnaíba. Durante o período colonial, a vila possuía apenas uma economia de subsistência, baseada nas lavouras de trigo, algodão, cana, feijão e milho, sustentando um pequeno comércio com as povoações vizinhas. Seus habitantes, para contornar as dificuldades econômicas decorrentes de seu isolamento em relação à metrópole, contavam com o fato de a vila ser um importante ponto de partida do movimento das bandeiras, que exploravam o sertão com o duplo objetivo de capturar indígenas e descobrir metais preciosos. Nos séculos XVII e XVIII, Santana de Parnaíba chegou a um certo desenvolvimento, promovido pelo emprego da mão-de-obra indígena e pela chegada de famílias importantes, como, por exemplo, a dos Pires. Apresentou-se, por um lado, como uma das principais áreas de mineração da capitania, tendo dentre seus moradores o padre Guilherme Pompeu de Almeida, que foi grande financiador das Bandeiras Paulistas; por outro, como núcleo exportador de mão-de-obra indígena para as demais capitanias, entrando muitas vezes em confronto com os jesuítas. A vila chegou ao século XIX desenvolvendo poucas atividades econômicas, situação agravada ainda mais pela abertura de novas estradas que ligavam São Paulo a outras vilas e cidades sem passar por Parnaíba. Sofreu também o impacto de não ter havido em suas terras a substituição da cultura de cana-de-açúcar pela de café. A cidade permaneceu estagnada até o início do século XX, quando a Light & Power Company construiu sua primeira usina hidrelétrica no país, abrindo um novo campo de trabalho na região. Sua denominação foi reduzida, não se sabe quando, para Parnaíba, mas em 30 de novembro de 1944 voltou-se a adotar seu nome atual, Santana de Parnaíba. Graças às técnicas de restauração desenvolvidas pelo Projeto Oficina Escola (POEAO), Santana de Parnaíba preserva seu patrimônio histórico. Com suas construções coloniais, a cidade concentra um dos mais importantes conjuntos arquitetônicos do Estado, com 209 edificações tombadas, em 1982, pelo Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Artístico, Arqueológico e Turístico do Estado de São Paulo (CONDEPHAAT)".

Nesse contexto social determinado historicamente é que se deve compreender a gênese de um uso da língua portuguesa em variedade específica da região. Por essa razão, este projeto visa a oferecer dados iniciais de um patrimônio histórico linguístico sobre a região escolhida e sua heterogeneidade, evidenciando por uma análise sociolinguística, a importância de descrever e registrar outras variantes além do português padrão culto (cf., entre outros volumes de descrição de variedades do português: CASTILHO, org., 2002a, 2002b, 1998; CASTILHO; BASÍLIO, org., 2002), considerando o dialeto caipira, o que contribui

para a compreensão da dinâmica de uso de variações geográficas, tanto na fala urbana como na fala rural.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 A língua

A língua e sociedade se influenciam mutuamente. A língua é um código desenvolvido para a transmissão de pensamentos, ideias e interação entre os indivíduos. Dessa forma, a língua pertence a todos os membros de uma comunidade e a nenhum deles isoladamente. Assim, como a língua é um código aceito, convencionalmente, por toda uma comunidade, um único indivíduo não é capaz de criá-la ou modificá-la. Em razão dos costumes, das gerações, de processos políticos, dos avanços sociais e tecnológicos, uma língua evolui, transformando-se historicamente. Por exemplo, algumas palavras perdem ou ganham fonemas, outras deixam de ser utilizadas, novas palavras surgem, de acordo com as necessidades, sem contar os “empréstimos” de outras línguas com as quais uma dada comunidade mantém contato.

Em direção à afirmação dessa perspectiva, desde a segunda metade do século XX (desconsiderando-se importantes reflexões anteriores ao estabelecimento da ciência da linguagem no período indicado), legitimou-se o estudo social da língua a partir do estabelecimento do campo da sociolinguística, principalmente por meio de trabalhos de linguistas como William Labov.

2.2 A Sociolinguística

Partindo de uma ciência autônoma, a Sociolinguística² teve início no séc. XX muito embora já se desenvolviam trabalhos com características como no caso de Meillet e Bakhtin. Estes estudiosos levaram em conta que há impacto sociocultural na fala, ou seja, a fala não se dissocia do falante.

Com base na relação entre a língua e a sociedade, a sociolinguística procura mapear, descrever e analisar o uso da linguagem tendo em vista contextos sociais e históricos, em diferentes aspectos que caracterizam a variação linguística em meio a fatores diatópicos, diacrônicos, diastráticos e diafásicos. Tal direcionamento permite que para uma análise sociolinguística é fundamental o destaque da diversidade linguística em contraste com o efeito enganador de uma homogeneidade linguística nas sociedades.

² A diversidade linguística seria o objeto de estudo da Sociolinguística, estando tal objeto relacionado a fatores tais como: identidade social do emissor ou falante, identidade social do receptor ou ouvinte, o contexto social e o julgamento social distinto que os falantes fazem do próprio comportamento linguístico e sobre os outros, isto é, as atitudes linguísticas. (ALKMIM, 2001, p. 29).

Há outros ramos dentro da Sociolinguística que estão preocupados primordialmente com questões sociais: o planejamento linguístico, a escolha pela ortografia oficial e outros que se preocupam com as consequências das ações de fala. Delimitado em seu referencial teórico no campo da sociolinguística, este projeto parte de considerações teórico-metodológicas apresentadas por autores como Alkmim (2001), Amaral (2020[1920]), Bortoni-Ricardo (2014), Coelho et al. (2018), Mollica; Braga (2003), Tarallo (1990). Objeto primordial da sociolinguística, a variação linguística (seus fatores e níveis de incidência) é fenômeno universal presente em todas as línguas e pode ser compreendida como diversas maneiras de se dizer a mesma coisa em contextos específicos. Segundo Tarallo (1990, p. 57-58) dois pontos principais devem ser firmados: a) a língua é heterogênea e variável; b) a variabilidade da fala é passível de sistematização.

2.3 A variação linguística

A variação linguística é um fenômeno universal presente em todas as línguas e constitui-se do uso de diferentes formas com sentidos equivalentes, ou seja, são as possibilidades dentro de uma língua em relação às mudanças de seus elementos mantendo o mesmo significado em determinados contextos. O dinamismo linguístico de um determinado grupo social atende às necessidades de compreensão de usos contextualizados de uma língua e suas variedades. A língua demonstra a heterogeneidade social de diferentes grupos, épocas, culturas e costumes, estando presente nos diferentes componentes da língua (lexical, fonético, morfológico, sintático, semântico, pragmático, discursivo). Pode parecer um caos, mas a heterogeneidade é sistemática incluindo regras até para as variações (cf., por exemplo, COELHO et al., 2018).

A variação linguística, desse modo, obedece a diferentes direcionamentos que são passíveis de sistematização e explicação, como atestam os estudos sociolinguísticos. Ela é presente em todos os componentes (ou níveis descritivos) linguísticos de uma língua:

- Variação fonético-fonológica;
- Variação lexical;
- Variação morfológica;
- Variação sintática;
- Variação semântica;
- Variação estilístico-pragmática;
- Variação discursiva.

Essas variações ocorrem a partir de adequações (ou não) de nosso falar e nosso comportamento à situação a qual somos expostos. Essas situações são conhecidas por condicionadores. Há os condicionadores internos ou linguísticos, estão ligados a escolha de uma variante ou outra, como exemplo, a ordem das palavras em uma sentença. Já os condicionantes extralinguísticos, são os definidos através da natureza social do falante. Sendo assim, os fatores que interferem para que ocorram variações são, para citar apenas alguns:

- Classe social ou nível socioeconômico;
- Origem geográfica;
- Nível de escolarização;
- Gênero;
- Idade;
- Profissão;
- Gêneros do discurso;
- Contexto social de uso da língua.

Toda língua comporta variantes, segundo Camacho:

a) em função da identidade do emissor; b) em função da identidade do receptor; c) em função das condições de produção discursiva. Em função do primeiro fator, pertencem as variantes que se podem denominar dialetais em sentido amplo: variantes geográficas e socioculturais. Em função do segundo e do terceiro fatores, pertencem as variantes de registro ou estilísticas (CAMACHO, 2011, p. 49).

Paralelamente à percepção inevitável da variação linguística, na tentativa de manter uma imagem ideal “língua correta”, há aqueles que querem negar variações que são parte de uma língua, não admitindo, assim, que uma língua é viva e dinâmica. É o desejo de que a língua seja preservada como suas gramáticas normativas a registram. Em ponto de vista crítico, Bagno (2007) e Bechara (2007) trataram dessa questão nos clássicos O preconceito linguístico (Bagno) e Ensino de gramática. Opressão? Liberdade?

A língua e a sociedade se influenciam mutuamente. A língua é um sistema dinâmico desenvolvido para a transmissão de pensamentos, ideias e para, fundamentalmente, a interação entre os falantes. Dessa forma, a língua pertence a todos os membros de uma comunidade e a nenhum deles isoladamente. Assim, como a língua é um sistema dinâmico aceito, convencionalmente, por toda uma comunidade, um único indivíduo não é capaz de criá-la ou modificá-la. Em razão dos costumes, das gerações, de processos sociais, dos

avanços sociais e tecnológicos, uma língua evolui, transformando-se historicamente. Nesse sentido, a Teoria da Variação considera a língua em seu contexto sociocultural, uma vez que parte da explicação para a heterogeneidade que emerge nos usos linguísticos concretos pode ser encontrada em fatores externos ao sistema linguístico e não só nos fatores internos à língua. Portanto, como observou Mollica (2003, p. 10), "ela parte do pressuposto de que toda variação é motivada, isto é, controlada por fatores de maneira tal que a heterogeneidade se delinea sistemática e previsível".

2.4 Definindo dialeto caipira

Considera-se dialeto toda forma como uma língua é falada numa determinada região, conceituada como variações diatópica, geolingüística ou dialetal. O dialeto deve ter seu próprio sistema léxico, sintático e fonético, sendo usado numa região mais restrito que uma língua.

No caso do dialeto caipira utilizado na região do Médio Tietê, mais especificamente em Santana de Parnaíba, teve sua delimitação e caracterização datada em 1920, por Amadeu Amaral, em sua obra, "O Dialeto Caipira". Tem sua influência no Tupi e foi disseminado através dos Bandeirantes que exploravam a região em busca de minério e escravos. O Tupi nesta época não apresentava características do português atual como o uso do L, R e F. As características mais presentes são:

- O uso do "R" retroflexo;
- A rotacização do "L" em encontros consonantais: Esse traço não é exclusivo do dialeto caipira, trata-se de um fenômeno que já vinha ocorrendo na passagem do latim para o português (ex: clavu > cravo). Ex: mil / mir;
- A iotização do "LH": Ex: mulher / muié, velho / véio;
- A apócope da consoante "R" na terminação dos verbos no infinitivo. Ex: comer / come;
- A mudança de palavras proparoxítonas em paroxítonas. Ex: para / pra;
- A nasalização do /d/ na terminação do gerúndio. Ex: falando / falanu;
- A concordância de número marcada apenas no artigo. Ex: os primos / os primo;
- O uso do en/em trocado por im. Ex: emprego / imprego
- Medial, muda-se frequentemente para i, Ex: perigo / pirigo

3. METODOLOGIA

3.1 Método Laboviano

A partir da delimitação dessas considerações básicas que orientam o desenvolvimento do projeto, a base teórico-metodológica que sustenta esta proposta de pesquisa é aquela elaborada e desenvolvida pela sociolinguística quantitativa (por conta do tratamento de dados com método quantitativo), também conhecida como sociolinguística laboviana (por conta de seu criador, William Labov) ou sociolinguística variacionista (por conta do seu objeto de análise).

3.2 Descrição do método

O método adotado no desenvolvimento de pesquisa é o mesmo adotado pela sociolinguística quantitativa, como afirmado, e delineado didaticamente por Coelho et al. (2018). Em termos gerais, esse método implica: (i) a seleção de informantes capazes de fornecer dados para elaboração de conjunto de amostras; (ii) descrição das formas de variação; (iii) busca por problematizações que possam orientar hipóteses explicativas para a ocorrência de fenômenos de variação; (iv) delimitação de fatores da variação, em termos de coleta e quantificação de dados; (v) descrição de um fenômeno de variação em termos de uma síntese analítica.

Este método, nos procedimentos vistos, implica registrar dados obtidos por gravações de áudio ou audiovisuais, quantificá-los e analisá-los. Sendo assim, foram etapas da pesquisa:

- Seleção de informantes: grupos de pessoas com idade entre 18 anos em diante, nascidos e criados, (3/4 do tempo de vida na cidade):

Essa seleção é feita por amostragem, seguindo os procedimentos da sociolinguística quantitativa, definidos em termos de células sociais, com uma amostra de cinco informantes por célula social³. A distribuição dos informantes foi feita levando-se em consideração: a) idade; b) gênero; c) escolaridade. Para cada informante foi organizada uma ficha social com dados como identificação, idade, escolaridade, profissão, informações relativas ao contexto da entrevista e outras informações que sejam relevantes.

- Gravação de inquéritos com os informantes selecionados:

Esses inquéritos foram compostos por narrativas pessoais orientadas por um questionário de perguntas elaborado pela pesquisadora (com objetivo de envolver os informantes em tópicos que recriem situações emotivas marcantes), tendo em vista obter amostras da variedade empregada pelos falantes nos diferentes níveis linguísticos.

³ “Quanto ao tamanho da amostra, as pesquisas sociolinguísticas têm apontado que não há necessidade de amostras tão grandes como as usadas em outras pesquisas de natureza social (de intenções de voto, por exemplo) para se analisar fenômenos variáveis, uma vez que o uso linguístico é mais homogêneo do que o comportamento humano acerca de outros fatos, em virtude de não estar tão sujeito à manipulação consciente (com a ressalva de que no caso dos estereótipos possa haver algum grau de manipulação consciente).” (COELHO et al., 2018, p. 100-101)

- ### 3.3 Delineamento dos falantes

[illegible]

Fonte: <http://diariodealphaville.com.br/mapas/>

Gênero/Sexo:

- 10 -

- mulheres M

Escolaridade:

Entende-se por escolaridade baixa B:

- Ensino fundamental completo
- Ensino fundamental incompleto
- Ensino médio incompleto

Entende-se por escolaridade alta A:

- Ensino médio completo
- Ensino superior completo
- Ensino superior incompleto

Idades: 18-25 / 26-35 / 36-45 / 46-55 / 56- em diante

A escolha sobre análise de gênero/sexo se deve a tentativa de descrever os diferentes papéis sociais entre homens e mulheres dentro da comunidade. A faixa etária se deve aos estudos sociolinguistas referente a mudanças em tempo aparente e a possível detecção de variações linguísticas em progresso. Já a escolaridade foi tratada como um dos fatores de composição da classe social dos falantes, porém não a substitui.

3.4 Instrumentos de coleta de dados

A coleta foi orientada por um questionário com respostas livres em que os falantes comentam sobre suas experiências na cidade. As perguntas são:

- 1 - Conte sobre quando e como você virou morador (a) da cidade?
- 2 - Conte sobre o que mais lhe agrada na cidade?
- 3 - Conte sobre o que menos lhe agrada na cidade?

Além disso a entrevista consiste em falar uma frase em que seria possível identificar o “r” retroflexo:

- 4 - Diga a frase: "A PORTA TORTA VERDE ESTÁ ABERTA".

Por fim, cinco figuras as quais os falantes deveriam citar os nomes: porta, milho, mulher, comendo, problema. A intenção de identificar as marcas do dialeto caipira citado anteriormente por Amaral (2020[1920]).

Figura 2 – Questionário de entrevista



QUESTIONÁRIO DE ENTREVISTA

FICHA CATALOGRAFICA	
NOME: _____	PROFISSÃO: _____
GÊNERO: _____	ESCOLARIDADE: _____
IDADE: _____	BAIRRO: _____
1 - Conte sobre quando e como você virou morador (a) da cidade? 2 - Conte sobre o que mais lhe agrada na cidade? 3 - Conte sobre o que menos lhe agrada na cidade? 4 - Diga a frase: "A PORTA TORTA VERDE ESTÁ ABERTA". 5 - Fale o nome das figuras abaixo:	
figura1 	figura2 
figura3  O que ela está fazendo?	figura4  Qual o sexo ?
figura5  Sem solução, você tem um?	

Fonte: Arquivo pessoal, 2021.

A participação dos falantes está em pleno acordo com o TCLE, (Termo de consentimento livre e esclarecido participante da pesquisa).

3.5 Transcrição de dados coletados

A fim de minimizar os efeitos do observador nas coletas, não houve entrevista e sim a leitura das perguntas com respostas livres por parte dos falantes. As gravações foram realizadas e as falas transcritas mantendo todas as características. A título de ilustração, abaixo segue um excerto:

Excerto 1:

F1: Conti sobre o que mais lhe agrada na cidade: tudo me agrada aqui a cidade é uma cidade típica do interior porém ela está Ela foi toda remodelada pelo Condefa né tem seus casários antigos todos preservados todos reformados eeeee é uma cidade que todos gostam de visitar final de semana a gente pode ver turistas de todos os lados que vêm pra cá né conversando com eles a gente percebe que vem de todos os estados para visitar Santana uma cidade que a gente não tem o que falar uma cidade linda maravilhosa

Áudio 1

#

F1: F-32-A

Duração total: 1:13

Número do áudio

Falante 1 ou 2: Gênero – Idade – Escolaridade Alta ou Baixa

Duração total

3.5.1 Aspectos éticos da pesquisa

Como o desenvolvimento do projeto envolve entrevistas com informantes este projeto, em sua fase de execução, foi avaliado pelo Comitê de Ética em Pesquisa – Humanos. O projeto apresentou riscos mínimos para os indivíduos nele envolvidos, uma vez que a pesquisa foi de natureza observacional, não invasiva e não contemplou qualquer prática direcionada por intervenção da pesquisadora desta proposta que implicou danos ou constrangimentos aos informantes. Os informantes falaram a respeito de aspectos que eles mesmos julgarem pertinentes, sendo naturalmente possível a interrupção da entrevista quando assim o desejado.

Os dados coletados dos informantes, as entrevistas captadas por áudio (ou meio audiovisual), as fichas sociais foram mantidas sob sigilo pela pesquisadora, assim como foi assegurado aos informantes o sigilo total de sua identificação.

4. RESULTADO E DISCUSSÃO

Após análise dos dados obtidos, notou-se que o dialeto caipira possui uma musicalidade ligada a prosódia conforme já mencionado por Amadeu Amaral, devido ao estiramento das vogais. Para Amadeu Amaral, 1920: *“O tom geral do frasear é lento, plano e igual, sem a variedade de inflexões, de andamentos e esfumaturas que enriquece a expressão das emoções na pronúncia portuguesa.”* Essa musicalidade é presente nos falantes de todas as idades, gêneros e escolaridades, pois relaciona-se com a interação social da cidade.

Em todos os falantes estudados, as palavras com terminação em vogal “e” alteram o som para “i”, vemos isto nas palavras: conte – conti, cidade -cidad*i*, idade-idadi. Nos falantes acima dos 50 anos o “e” é mais acentuado depois das consoantes “d” e “t”, como por exemplo em contê e desdê.

Há também alteração em palavras finalizadas com a vogal “o” para o som de “u”, como por exemplo em: acho-achu, sossego-sussego.

Notou-se que os falantes com baixa escolaridade e com mais de 50 anos pronunciam verbos no infinitivo com terminações “ar” e “er” com apócope, ou seja, a ausência do “r”, como em: trabalhar-trabalhá, morrer-morrê. Os falantes nascidos na cidade mesmo com escolaridade alta pronunciam da mesma forma, porém menos recorrente.

O “r” retroflexo, onde a língua se dobra para trás, é bem presente em todos os gêneros, idades e escolaridade. Principalmente ao falar a frase, “a porta torta verde está aberta”, todos com “r” são falados com retroflexão. Nos moradores abaixo de 26 anos com escolaridade alta de ambos os gêneros, o “r” retroflexo é menos recorrente.

A síncope, supressão de fonemas no interior das palavras, também é presente em todos os falares no uso do “pra” ao invés de “para” e “tá” ao invés de “está”.

Para reafirmarem o que foi falado anteriormente, os falantes fazem uso da aferese “né” no lugar de “não é”.

Foi encontrado a falta do “d” em verbos exemplo: comendo-comeno nos falantes homens, acima de 50 anos e com alta escolaridade, pois são moradores de famílias tradicionais de Santana de Parnaíba, ou seja, o dialeto caipira se perpetua através das gerações.

Alguns perfis de falantes, conforme mencionados na tabela abaixo, não foram encontrados durante a pesquisa. Notou-se que nos últimos anos a cidade de Santana de Parnaíba investiu muito na educação. Os moradores que possuem escolaridade baixa são majoritariamente de outras cidades e com pouco tempo de residência. Constatou-se que nos

últimos anos há uma migração relevante de ex-moradores de Minas Gerais; o uso do dialeto mineiro vem se confundindo com o dialeto caipira devido ao uso do “r” retroflexo.

Quadro 2 – Tabela de perfis x gravações

GÊNERO	ESCOLARIDADE	IDADE	Nº ÁUDIO
HOMENS	BAIXA ESCOLARIDADE	18-25	Perfil não encontrado
		26-35	Perfil não encontrado
		36-45	0018
		46-55	0016
		56 em diante	0004
	ALTA ESCOLARIDADE	18-25	0017
		26-35	0015
		36-45	0002
		46-55	0020
		56 em diante	0019
GÊNERO	ESCOLARIDADE	IDADE	Nº ÁUDIO
MULHERES	BAIXA ESCOLARIDADE	18-25	Perfil não encontrado
		26-35	Perfil não encontrado
		36-45	0007
		46-55	0012
		56 em diante	0003
	ALTA ESCOLARIDADE	18-25	0014
		26-35	0001
		36-45	0005
		46-55	0006
		56 em diante	0008

Fonte: Arquivo pessoal, 2021.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este projeto mostrou que o dialeto caipira resguarda as variações linguísticas estudadas por Amadeu Amaral em 1920, o qual foi uma referência obrigatória. Amadeu Amaral foi pioneiro dos estudos linguísticos no Brasil, formulando seu método de pesquisas em campo. Em suas obras, notou-se que o caráter dialetológico foi impulsionado pelo nacionalismo de sua época em que haviam fomentações por pesquisar sobre as origens e a cultura popular.

O material aqui apresentado é apenas uma amostra sobre como se dá uma investigação empírica utilizando o método Laboviano relevante não só para a identificação de traços resistentes do dialeto caipira, mas também de mudanças que já se efetivaram ou que estão em andamento na Língua Portuguesa. Além disso, demonstrou a importância de uma abordagem sociolinguista para o entendimento do desenvolvimento de um dialeto e como ele está intrinsicamente ligado a história de um povo, uma vez que a língua dá o significado do pensamento, de nossas ações e do que somos.

6. REFERÊNCIAS

ALKMIM, T.M. Sociolinguística - Parte I. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (Org.). **Introdução à Linguística I: domínios e fronteiras**. São Paulo: Cortez, 2001. p. 21-47.

AMARAL, A. **O dialeto caipira**. São Paulo: Parábola, 2020[1920].

BAGNO, M. **Preconceito linguístico: o que é, como se faz?** 49. ed. São Paulo: Loyola, 2007

BECHARA, E. **Ensino de gramática. Opressão? Liberdade?** 12. ed. São Paulo: Ática, 2007.

BORTONI-RICARDO, S.M. **Manual de Sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2014.

CALLOU, D.; MORAES, J.; LEITE, Y. **Variação e diferenciação dialetal: a pronúncia do /r/ no português do Brasil**. In: KOCH, I. (Org.). **Gramática do português falado**. v. 6: Desenvolvimentos. Campinas: Ed. da Unicamp, 1996, p. 465-493.

CAMACHO, R.G. **Norma culta e variedades linguísticas**. In: **Caderno de Formação: formação de professores didática dos conteúdos** (v. 3). Conteúdos e Didática de Língua Portuguesa. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011. p. 34-49.

CASTILHO, A.T. (Org.). **Para a história do português brasileiro**. v. 1: Primeiras ideias. São Paulo: Humanitas/Fapesp, 1998.

CASTILHO, A.T. (Org.). **Gramática do português falado**. v. 1: A ordem. 4. ed. rev. Campinas: Ed. da Unicamp/Fapesp, 2002a.

CASTILHO, A.T. (Org.). **Gramática do português falado**. v. 3: As abordagens. 3. ed. rev. Campinas: Ed. da Unicamp/Fapesp, 2002b.

CASTILHO, A.T.; BASÍLIO, M. (Org.). **Gramática do português falado**. v. 4: Estudos descritivos. 2. ed. rev. Campinas: Ed. da Unicamp/Fapesp, 2002.

CASTILHO, A.T. **Amadeu Amaral e a dialetologia no Brasil**. In: AMARAL, Amadeu. *O dialeto caipira*. São Paulo: Parábola, 2020[1920]. p.15-25.

COELHO, I.L.; SOUZA, C.; GÖRSKI, E.; MAY, G.H. **Para conhecer sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2018.

FREITAG, K. M. Raquel, **Metodologia de coleta e manipulação de dados em Sociolinguística**. São Paulo: Blucher 2014

ILARI, R.; BASSO, R. **O português da gente**. São Paulo: Contexto, 2006.

MOLLICA, M.C.; BRAGA, M.L. **Introdução à sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2003.

MOLLICA, Cecília. **Fundamentação teórica: conceituação e delimitação**. In.: MOLLICA, Cecília; BRAGA, Maria Luiza (orgs.). **Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação**. São Paulo: Contexto, 2003 p. 9-14.

PREFEITURA DE SANTANA DE PARNAÍBA. **História da cidade de Santana de Parnaíba**. Disponível em: <http://www.santanadeparnaiba.sp.gov.br/>. Acesso em: 01 março 2020.

PRETI, D. (Org.). **Análise de textos orais**. São Paulo: Humanitas, 1999.

TARALLO, F. **A pesquisa sociolinguística**. 3. ed. São Paulo: Ática, 1990.

Contatos:

e-mail aluno: andpmelo@gmail.com

e-mail orientador: ronaldo.batista@mackenzie.br

